

MALETA VIAJANTE: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NOS ANOS INICIAIS EM UMA ESCOLA DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE ENCANTO/RN

Andre Felipe Gomes Marcelino¹
andrefelipe@alu.uern.br

RESUMO: Este estudo apresenta a experiência do projeto "Maleta Viajante", desenvolvido com alunos do 3º ano em uma escola do campo no município de Encanto/RN. A pesquisa busca responder ao seguinte questionamento central: de que maneira a leitura literária, trabalhada de forma lúdica e criativa por meio da maleta viajante, contribui para o desenvolvimento da autonomia e das habilidades de leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental? O objetivo é: discutir como o uso do texto literário favorece a formação de um leitor crítico e autônomo. A metodologia adotada possui uma abordagem qualitativa, caracterizando-se como uma pesquisa de campo do tipo relato de experiência. O trabalho fundamenta-se teoricamente em autores que discutem a leitura, a alfabetização e a Educação do Campo, tais como Bedran (2012), Candido (1999), Abramovich (1989), Silva (2024), Soares (2004), Freire (1996), Lajolo (2004), Caldart (2004), Arroyo, Molina (2011) e Magnani (2001). As reflexões indicam que o ato de ler deve superar a simples decodificação de palavras, transformando-se em um processo ativo de construção de sentidos, pensamento crítico e imaginação. Os resultados demonstram que a utilização da maleta viajante no contexto rural promove uma aprendizagem significativa, incentiva o gosto pela leitura por prazer e envolve a participação da família no processo educativo. Conclui-se que esse recurso é fundamental para formar sujeitos capazes de atuar de forma transformadora em sua realidade social.

PALAVRAS-CHAVE: Maleta Viajante; Leitura Literária; Anos Iniciais; Educação do Campo; Formação do Leitor.

INTRODUÇÃO

Os primeiros contatos da criança com a literatura ocorrem com histórias oralmente contadas no seio familiar. Essas histórias despertam o interesse das crianças, pois estão ligadas aos sonhos da infância envolvendo diretamente um mundo imaginário. De acordo com Bedran (2012), a criança que ouve histórias cotidianamente desperta em si a curiosidade e a imaginação criadora e ao mesmo tempo tem a chance de dialogar com a cultura que a cerca. Através do contato com a leitura a criança se transforma enquanto sujeito social e humano, isso porque a leitura permite ao leitor sua formação e autoformação, permitindo-lhe autonomia e segurança na participação social no meio ao qual está inserido.

¹Graduando em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).
E-mail: andrefelipe@alu.uern.br

Ampliando o olhar acerca da leitura nos anos iniciais no contexto da escola do/no campo, compreende-se que o processo de democratização do acesso à educação e aos bens culturais sempre se constituiu como um percurso complexo e marcado por desigualdades históricas. Isso porque, em distintos momentos da história da humanidade, o campo foi concebido a partir de uma lógica urbanocêntrica, sendo visto como um território inferior, atrasado e desprovido de cultura. Tal concepção contribuiu para a negação de direitos e para a ausência de políticas públicas que reconhecessem e valorizassem os sujeitos do campo e seus modos de vida como destaca (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011).

Nesse cenário, a educação ofertada às populações do campo, por muito tempo, esteve pautada em modelos pedagógicos descontextualizados, que desconsideravam as especificidades culturais, sociais e identitárias desses territórios. Conforme destaca Caldart (2004), a Educação do Campo surge justamente como uma contraposição a esse modelo excludente, reivindicando uma educação que dialogue com a realidade camponesa e reconheça o campo como espaço de produção de saberes, culturas e histórias.

Pensando nessa perspectiva, torna-se necessário enfatizar que o ato de ler não se constitui como uma habilidade inata, mas como uma aprendizagem social e cultural construída ao longo da vida. Como afirma Lajolo (2004, p. 07), “ninguém nasce sabendo ler, aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida [...]”. Essa compreensão amplia o conceito de leitura, reconhecendo que, desde a infância, os sujeitos do campo já realizam múltiplas leituras do mundo a partir de suas vivências, relações com a terra, com o trabalho, com a comunidade e com a cultura local. No entanto, embora essas leituras informais façam parte do cotidiano, é papel da escola, especialmente nos anos iniciais, garantir o acesso sistemático à leitura literária, possibilitando que os estudantes ampliem seus repertórios culturais e desenvolvam competências leitoras de forma crítica e significativa.

Desse modo, ao negligenciar a literatura nos espaços educativos do/no campo, a escola contribui para a manutenção das desigualdades históricas, desconsiderando que a formação do leitor é um processo contínuo, que deve ser assegurado ao longo das diferentes etapas da vida estando articulado às realidades e aos saberes dos sujeitos camponeses.

Sendo assim, “A leitura literária é fonte motivadora de transformação para o ser humano” (SILVA, 2024, p. 26) é através do contato com a leitura literária que os sujeitos leitores constroem novos significados para a sua existência. Dentro desses novos significados, percebe-se a notória contribuição para o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental. Pois significa dizer que abre novos horizontes onde a criança possa descobrir, criar e construir o seu aprendizado, em um espaço onde não só ensina a ler e a escrever, mas que mobiliza as demais áreas do conhecimento, aproximando os alunos por meio de estratégias lúdicas que permita o prazer da descoberta de novos saberes, favorecendo um espaço onde os alunos se tornem leitores por gosto e prazer, distanciando-se de um hábito da leitura por obrigação, que se torna um fardo onde a criança não desenvolve a

¹Graduando em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).
E-mail: andrefelipe@alu.uern.br

sua autonomia, confiança, levando a criança a não desfrutar do prazer que está no ato de ler, imaginar, criar e transformar o seu pensamento e a sua realidade.

Ao longo dos anos, a leitura literária tem passado por inúmeras transformações, despertando um novo olhar sob as formas de trabalhá-la nos anos iniciais do Ensino Fundamental, especialmente no contexto da escola do/no campo. Esse novo entendimento rompe com práticas tradicionais e descontextualizadas, passando a defender um ensino que valorize estratégias lúdicas, participativas e dialógicas, capazes de inserir as crianças como sujeitos ativos do processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, o trabalho com a leitura literária deve possibilitar que os estudantes vivenciem o ensino a partir de sua própria realidade, reconhecendo suas experiências, saberes e culturas como elementos constitutivos do aprender. Isso porque o ensino se constrói na relação entre educador e educando, uma vez que, como afirma Freire (1996, p. 25), “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Assim, ao integrar a literatura às vivências do campo, a escola fortalece práticas pedagógicas mais significativas, humanizadoras e comprometidas com a formação integral dos sujeitos.

Nessa perspectiva, Candido (1999) traz que a literatura desempenha um papel necessário na formação do indivíduo, contribuindo para sua humanização ao expandir sua compreensão do mundo e de si mesmo. Isso porque, é no contato com o texto literário que os sujeitos exploram as complexidades da sua condição humana em diferentes aspectos do seu cotidiano. Logo, significa dizer que a educação não é linear ou acabada. Mas, que ela está com constante transformação e se dá através dos processos de socialização, subjetivação, emancipação e acima de tudo construção pessoal e coletiva.

Por compreender que o texto literário é um recurso importante que contribui para o processo de desenvolvimento humano e de aprendizagem dos alunos, o trabalho tem como objetivo: discutir a experiência de leitura nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola do campo no município de Encanto/RN a partir da utilização da maleta viajante. Através das reflexões acerca das experiências construídas ao longo do processo de realização da atividade, evidenciando como o texto literário trabalhado de forma lúdica contribui para o desenvolvimento da autonomia dos alunos, bem como da aquisição das habilidades de leitura e escrita.

Pois, a alfabetização por muitas vezes pôde ser entendida apenas como um processo de aprender a ler e escrever, no entanto envolve algumas etapas fundamentais dentro desse processo. Haja vista que, as crianças não devem apenas conseguir ler ou articular a leitura e a escrita, mas deve conseguir usar essas habilidades de maneira significativa no dia a dia de forma autônoma, criativa e transformadora como destaca (SOARES 2004).

Assim, a leitura deve ser um ato ativo no desenvolvimento humano, ligado a construção de significados e novos conhecimentos. Isso porque:

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar...

¹Graduando em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

E-mail: andrefelipe@alu.uern.br

Pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar a opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo. (ABRAMOVICH, 1989, p. 143).

Entende-se que a escola, enquanto instituição formadora, possui como função primordial estimular e garantir o acesso à leitura literária, sobretudo nos anos iniciais do ensino fundamental. Nesse período, em que se intensifica o processo de alfabetização, o contato com o texto literário favorece o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo das crianças, ampliando suas formas de interpretar o mundo e a si mesmas. No diálogo entre leitura e escrita, a literatura contribui para a construção, reconstrução e ressignificação de saberes, uma vez que possibilita experiências estéticas, simbólicas e culturais que ultrapassam a mera decodificação do sistema de escrita. Assim, o trabalho com a leitura literária potencializa práticas pedagógicas que promovem um ensino e uma aprendizagem plural, diversa e dinâmica, respeitando as especificidades dos sujeitos e fortalecendo a formação integral dos estudantes, especialmente no contexto da escola do/no campo.

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, caracterizando-se como uma pesquisa de campo. Segundo Prodanov (2013), a metodologia é compreendida “como um conjunto de ações e procedimentos racionais e sistemáticos que buscam encontrar soluções para um problema específico”.

O trabalho fundamenta-se teoricamente em autores que discutem a leitura literária, a formação humana e a alfabetização, tais como Bedran (2012), Candido (1999), Abramovich (1989), Silva (2024), Soares (2004) e Freire (1996). A investigação segue uma epistemologia subjetivista, voltada para a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos e para a valorização da essência humana no processo educativo.

Além da análise teórica, a pesquisa descreve e reflete sobre a aplicação do projeto "Maleta Viajante", desenvolvido durante o ano letivo de 2024 com alunos do 3º ano de uma escola do campo situada no município de Encanto/RN. O percurso metodológico buscou analisar como o uso lúdico do texto literário favorece a autonomia e o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, considerando a realidade concreta e heterogênea da sala de aula

RESULTADOS E DISCUSSÕES

¹Graduando em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).
E-mail: andrefelipe@alu.uern.br

Ao longo da história da humanidade, a leitura esteve presente em diferentes contextos e momentos sociais; entretanto, o ato de ler nem sempre foi compreendido da mesma forma pelos sujeitos. Durante muito tempo, a leitura foi reduzida à mera decodificação de letras, limitando-se à associação entre grafemas e fonemas no sistema de escrita. Essa concepção restrita também marcou, de maneira mais intensa, os processos educativos destinados às populações do campo, historicamente submetidas a práticas pedagógicas descontextualizadas e alheias às suas realidades socioculturais. Com o passar dos anos, esse entendimento passou a ser questionado por pensadores, pesquisadores e estudiosos do campo educacional, que defenderam a leitura como uma prática social e cultural, permeada de sentidos e significados.

No contexto da Educação do Campo, (re)pensar o ato de ler implica reconhecer o campo como território de vida, cultura e produção de saberes, compreendendo a leitura como um instrumento essencial para a formação crítica dos sujeitos camponeses, bem como para o fortalecimento das suas identidades e para a ampliação de sua participação social.

Sendo assim, Villardi (1999, p. 03-04) explica que “ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas [...]”. Ou seja, ler é criar sentido para as palavras, é conseguir tornar-se um sujeito mobilizador na sociedade, associando os conhecimentos construídos no dia a dia de forma autônoma e concreta. Pois o que nos leva a sermos sujeitos ativos criticamente e pensantes dentro do espaço social que estamos é a leitura.

Logo, entende-se que “a leitura da literatura transforma o ser, o faz sentir gosto por ler, pois, ao ler tornamo-nos seres capazes de nos transportar para o mundo irreal, onde tudo pode acontecer”. (OLIVEIRA, BEZERRA, 2019, p. 3) Quando estamos imersos na leitura literária temos a possibilidade de viajar por novos mundos, e nessa viagem somos convidados a criar, imaginar, (re)inventar e potencializar os nossos sonhos, desejos e anseios.

A leitura literária, potencializada nos anos iniciais do ensino fundamental no espaço do campo traduz as novas possibilidades de ensinar e aprender. Através das novas experiências lançadas e despertadas, desprendendo-se apenas da codificação e decodificação das palavras.

Diante dessa perspectiva de formação do leitor, e o gosto que a leitura pode despertar nas crianças é que a atividade de se trabalhar com a maleta viajante foi pensada. Dentro dessa proposta, o texto literário poderia chegar aos alunos de uma maneira lúdica, criativa e democrática, oportunizando-os não apenas ao contato com o texto como obrigação, mas como uma via de criar novas experiências e novos aprendizados a partir dos diferentes gêneros textuais trabalhados.

Ao desenvolver essa atividade durante o ano letivo de 2024 no 3º ano de uma escola do campo no município de Encanto/RN foi possível identificar como a leitura literária contribui para despertar novos significados no processo de desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos. Cada dia havia as suas particularidades, desde os pontos positivos aos pontos negativos, uma vez que a sala de aula traz em sua historicidade uma formação heterogênea que requer diálogo, incentivo, compreensão e conversa. Mas, que em sua maioria percebemos o quão

¹Graduando em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

E-mail: andrefelipe@alu.uern.br

maravilhoso foi despertar novas oportunidades para as crianças criarem, sonharem, refletirem e se degustarem com os textos literários.

Das muitas atividades trabalhadas, podemos destacar o envolvimento dos alunos com mais fluidez nos projetos ao longo do ano letivo. Isso porque, a fluência leitora permitiu que as crianças não tivessem a oportunidade de conhecer novos textos e histórias, mas também que estes mobilizassem seus conhecimentos de diferentes maneiras ao longo das atividades realizadas.



Sendo assim, Maganani (2001, p.40) diz que “[...] para formar leitores não basta oferecer livros. É preciso buscar respostas e alternativas para algumas questões que têm a ver com a concepção de sociedade, educação, de linguagem de leitura e literatura”. Ou seja, trabalhar com a maleta viajante, não é uma atividade que busca apenas o desenvolvimento da leitura e da escrita, mas é também permitir que através do ato de ler as crianças tenham a oportunidade de se relacionar com novos mundos, possam se ter um contato de perto com a sua família, trazendo estes para perto do processo de ensino e aprendizagem. Nos fazendo compreender, que a leitura ela atravessa os muros da instituição escolar e vai até outros espaços, chega a outros sujeitos mesmo que de maneira indireta, envolvendo tanto os alunos como também os seus pares no contato familiar, social, cultural.

¹Graduando em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).
E-mail: andrefelipe@alu.uern.br



Nesse processo de trabalhar a leitura literária nos anos iniciais do ensino fundamental de forma lúdica tem sido um desafio, muito embora acreditamos que seja essencial. Pois, como destaca Magnani (2001, p. 138) “as leituras de que o aluno gosta podem ser trazidas para a sala de aula, como ponto de partida para reflexão, análise e comparação” e dentro desse pensamento, se faz essencial buscar novas alternativas para se trabalhar o texto literário dentro do espaço da sala de aula, através de alternativas que potencializem as habilidades dos alunos e permita a estes novos significados para a sua existência e mobilização social.

Nesse pensamento, a leitura não pode se dar por obrigação, pois se for, o leitor não irá desenvolver o gosto e o prazer pelo texto literário, e tão pouco conhecer novas oportunidades de criar, imaginar, refletir e se transformar nas primeiras séries. Pois, é na infância que “a leitura precisa ser saborosa, atrativa e lúdica. E, sendo esse o tempo da curiosidade e da imaginação aguçada, deve-se investir na leitura por prazer, possibilitando a formação de crianças críticas, capazes de participar da vida social e, [...] gostar das “aventuras” proporcionadas pela literatura.” (Sampaio, Torres e Souza, 2015, p. 11).

CONCLUSÕES

Diante dos pressupostos apresentados neste estudo acerca do trabalho com a maleta viajante nos anos iniciais do ensino fundamental, percebemos que o ato de ler vai muito além de codificar e decodificar palavras. A leitura nos oportuniza adentrar em novos mundos, bem como contribui para potencializar nossas habilidades e nossa participação no meio social.

¹Graduando em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).
E-mail: andrefelipe@alu.uern.br

A formação do leitor por meio do texto literário deve se dar desde os primeiros anos do ensino, buscando propor uma leitura não por obrigação, mas que esteja ligada com os anseios dos alunos, propondo uma emancipação, transformação e construção de novos significados. Isso porque, é através do ato de ler que os alunos são convidados a mobilizar os seus conhecimentos dentro e fora do ambiente escolar, ao mesmo tempo que estes se aproximam de outras realidades e mundos, pois conseguem sair do mundo real para o imaginário, através da interação e construção de sentidos que a leitura permite.

A maleta viajante se coloca como uma atividade de fundamental importância dentro do processo de desenvolvimento do ensino. Permitir uma aprendizagem significativa na formação do leitor, através do contato com o texto literário que instiga a leitura, o pensamento crítico, a reflexão, a percepção de novas histórias, e a ressignificação de novos personagens. Além, de reconhecer os sujeitos do campo como protagonistas ativos do processo formativo. Através da valorização das experiências, dos saberes e das culturas camponesas, sendo capazes de estabelecer relações entre o texto, sua realidade e o mundo, consolidando a leitura como um instrumento de emancipação e transformação social.

¹Graduando em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).
E-mail: andrefelipe@alu.uern.br

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- ARROYO, Miguel G.; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (orgs.). *Por uma Educação do Campo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo de (orgs.). *Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo*. Coleção Por uma Educação do Campo, nº 5. Brasília: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 2004.
- OLIVEIRA, Kaiza Maria de. *O constituir-se leitor: narrativas de experiências estético-formadoras no Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE)*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2016.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* [recurso eletrônico]. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa; TORRES, Maria Gorete Paulo; SOUZA, Míria Helen Ferreira de. Ler é encantar-se, configurar-se e transformar-se numa “terceira história”: a autoformação no Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE). *Leitura em Revista iiLer / Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio*, n. 8, p. 11–27, maio 2015.
- SOARES, Magda; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Alfabetização e letramento*. Belo Horizonte: Ceale, 2003.
- VILLARDI, Raquel. *Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1999.
- ZILBERMAN, Regina. Introduzindo a literatura infanto-juvenil. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 1, n. 4, p. 98–102, jan./dez. 1985.

¹Graduando em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).
E-mail: andrefelipe@alu.uern.br